

BASES INTERACIONISTAS PARA ANÁLISE DE LIVRO DIDÁTICO INDÍGENA¹

Francinete de Jesus Pantoja QUARESMA²

Marília de Nazaré de Oliveira FERREIRA³

Fátima Cristina da Costa PESSOA⁴

RESUMO: Neste texto, com base nas ideias de Bakhtin (1988; 2003), Bronckart (1996), Goffman (1961), Gumperz (1982), Vion (1992) e demais teóricos que tratam sobre o interacionismo, bem como com base nos estudos sociolinguísticos defendidos por Labov, procuramos refletir sobre o interacionismo presente no trabalho do pesquisador ao realizar a análise de seu objeto de estudo, o Livro Didático (doravante LD) voltado para a educação escolar indígena. Percebemos que o pesquisador, ao realizar estudos sobre esse suporte didático-pedagógico, assim como o autor do livro, o professor e os alunos indígenas que o utilizam, também se apresenta como um sujeito de interação neste quadro interativo vivenciado por produtores e receptores de conhecimento científico. Nossa análise evidencia os postulados de Robert Vion, para quem a interação não se dá apenas na co-presença física dos participantes.

PALAVRAS-CHAVE: Interação. Livro didático indígena. Sóciointeracionismo.

Introdução

Neste estudo abordaremos o interacionismo presente no trabalho do pesquisador ao realizar a análise do livro didático indígena. Procuraremos nas bases teóricas interacionistas, bem como nas bases sociolinguísticas, suportes teóricos para apresentar o tema, para isso,

¹ Este artigo foi apresentado inicialmente como avaliação final na disciplina Análise da Interação Verbal, do curso de Mestrado em Linguística: Programa de Pós-Graduação em Letras – UFPA, sob responsabilidade da Profª. Drª. Fátima Pessoa, no primeiro período de 2011.

² Francinete Quaresma é aluna do Mestrado em Letras (Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA), *campus* Belém – PA, e professora da Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC/PA). E-mail: francidejesuspq@yahoo.com.br

³ Marília Ferreira é professora do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará vinculada à Faculdade de Letras e ao Programa de Pós-Graduação em Letras dessa Universidade, *campus* Belém – PA. Tutora do PET Letras/UFPA desde 2010. E-mail: marilia@ufpa.br

⁴ Fátima Pessoa é professora do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará vinculada à Faculdade de Letras e ao Programa de Pós-Graduação em Letras dessa Universidade, *campus* Belém – PA. E-mail: fpessoa37@gmail.com

primeiramente realizaremos um percurso para conhecermos e entendermos os postulados interacionista.

Abordaremos também as reflexões da Sociolinguística que podem fundamentar pesquisas voltadas para a análise de livros didáticos indígenas e exemplificaremos essa possibilidade demonstrando como essas reflexões são usadas na pesquisa que estamos desenvolvendo no Curso de Mestrado em Letras – Linguística, na Universidade Federal do Pará (UFPA), intitulada “Análise de livros didáticos do povo indígena Mëbêngôkre”.

Finalizaremos mostrando que é possível ao pesquisador realizar a análise dos materiais didáticos elaborados em línguas indígenas com base nos quadros teóricos supracitados. Evidenciaremos em nosso estudo que a contribuição do interacionismo permite entender os materiais de modo mais coerente e que a interação entre sujeitos é possível por meio do suporte escrito, ou seja, a presença física dos atores da interação não é um pressuposto para que ela aconteça. Vale ressaltar que não estamos nos propondo apresentar resultados de análises de livros didáticos indígenas a luz do interacionismo, mas que pretendemos demonstrar por meio deste trabalho que é possível realizar tais análises a partir das bases interacionistas.

Um breve percurso sobre o interacionismo

Em meados do século XX, a ciência da linguagem, Linguística, estava impregnada pela psicologia que, assim como aquela, também se interessava pelos estudos sobre a linguagem humana. Na Linguística havia duas abordagens sobre a língua, uma que tratava sobre os fenômenos internos do sistema da língua e outra que buscava reconhecer os processos que estão inclusos no uso da linguagem, compreendendo a língua em funcionamento, explicando-a de um ponto de vista externo. Devido ao caráter externalista dessa abordagem, poderíamos até mesmo dizer que ela encontrava-se do lado de fora da Linguística, como sua vizinha.

Os estudiosos que adotavam uma posição externalista trouxeram para sua abordagem pressupostos teóricos que a diferenciaram da abordagem interna da língua, dentre os novos conceitos estavam o de interação e o de interacionismo. Nesse cenário vivenciado pela Linguística, o interacionismo surgiu como uma reação das posições teóricas externalistas contra o psicologismo. Segundo Morato (2005), eram interacionistas os domínios da Linguística que pautavam por uma posição externalista a respeito da linguagem. Faziam parte

dessa abordagem teóricos da Sociolinguística, da Pragmática, da Psicolinguística, da Semântica Enunciativa, da Análise da Conversação, da Linguística Textual e da Análise do Discurso.

Em um segundo momento, o interacionismo firmou-se como uma das perspectivas mais produtivas da Linguística, ora estimulando e marcando explicitamente as relações de sua área com as demais áreas de conhecimento, ora promovendo análises pluridisciplinares em torno da linguagem.

Os conceitos de interação e de interacionismo foram adotados pela abordagem externalista para explicar o funcionamento do seu objeto de estudo, a linguagem. Morato (2005, p. 314) admite que “falar, em Linguística, em interação ou em interacionismo é postular determinados modos de existência, ou determinados modos de funcionamento da linguagem”.

Diferentes teóricos desenvolveram estudos interacionistas. Dentre os nomes que merecem destaque sobre o assunto estão os de: Bakhtin (1988; 2003), Bronckart (1996); Goffman (1961), Gumperz (1982) e Vion (1992). Procuraremos destacar pontos em comum entre eles ao tratarmos sobre o assunto em questão.

Em Bakhtin e em Bronckart encontra-se uma abordagem mais geral do assunto, a interação é vista como o princípio constitutivo da linguagem. Em Vion percebe-se um lugar de fronteira entre uma abordagem mais abrangente e entre uma abordagem mais pontual das trocas interacionais. Goffman e Gumperz são mais pontuais ao tratarmos da interação, estão mais preocupados com a ação individual em si, com o que é dito e como o dito é interpretado no momento da interação.

Como mencionado, Bakhtin trata a interação de uma perspectiva mais geral, o que não surpreende, visto que ele “foi o pioneiro nos estudos da interação ou do diálogo entre interlocutores” (BARROS, 2002, p. 42). Em seus estudos ele procurou mostrar que a interação verbal é a realidade fundamental da linguagem. Segundo Maingueneau (2002), ao colocar a interação como o centro de funcionamento da linguagem, capaz de explicar os fenômenos linguísticos, o autor opõe-se radicalmente a Saussure, para quem a linguagem divide-se em duas instâncias: língua/ fala. Sob a ótica bakhtiniana a linguagem não sofre essa divisão porque a enunciação, a verdadeira substância da língua, é a síntese do processo da linguagem.

A enunciação move a língua fazendo com que ela se concretize e evolua historicamente, de modo ininterrupto, por meio da interação entre os falantes. Bakhtin (1992,

p. 112) diz que “[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados [...]”, assim toda enunciação é um diálogo, ou seja, é uma resposta a enunciados anteriores. Diante do que o outro diz o falante encontra-se sempre em uma atitude responsiva, daí Bakhtin (2003, p. 296) afirmar que “todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo”, como ele nunca está isolado, não pode separar-se nem dos elos precedentes, nem dos elos subsequentes da comunicação discursiva. O enunciado se constrói, portanto, levando em consideração a atitude responsiva do outro.

Por se constituir a partir do que o outro responde, o enunciado tem como traço particular o direcionamento, ele é sempre endereçado a alguém, ou seja, ele não tem apenas um autor, ele tem também um destinatário. Sobre o destinatário, Bakhtin diz que ele

deve ser um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural, pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo, os contemporâneos, os correligionários, os advogados e inimigos, o subordinado, o chefe, um inferior, um superior, uma pessoa íntima, um estranho, etc.; ele pode ser um outro totalmente indefinido, não concretizado (BAKHTIN, 2003, p. 301).

Enfim, há a possibilidade de todas essas modalidades e concepções de destinatário serem determinadas enquanto sujeito da interação. Isso nos permite afirmar que autores, professores e alunos que dialogam por meio do Livro Didático (LD) também são agentes da interação.

Baseada nos pressupostos teóricos de Bakhtin, “não é mais possível dizer que a enunciação é um ato individual de utilização da língua por um locutor. Ela é eminentemente social.” (MAINGUENEAU, 2002).

A linguagem passa a ser a materialidade da ordem social, pois seu funcionamento envolve os sujeitos da interação. É por meio da linguagem que os interlocutores expressam ideologias, concretizadas em forma de palavras.

A palavra, por sua vez, é o fenômeno ideológico por excelência, pois é por meio dela que materializamos nossa consciência, expressamos a ordem social na qual estamos inseridos e constituímos a realidade. A palavra serve para significar e, enquanto signo linguístico, ela também é um signo ideológico, pois ela está no discurso carregada de valor. Ela expressa tal valor em todas as esferas da sociedade humana por onde ela circula, como, por exemplo, a política e a religião, não sendo, portanto, específica a apenas um determinado campo da atividade humana.

Bakhtin (1992, p. 106) afirma que “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto.” Como os contextos são inúmeros, as possíveis significações também são diversas, apesar disso a palavra não deixa de ser una, ou seja, ela não se fragmenta em várias palavras para dar conta dos diversos contextos nos quais ela pode ser inserida, mas ela, quando opera como uma enunciação completa, carrega uma significação/tema⁵ dentro de um dado contexto.

A significação/tema não está ao nosso controle, ela é resultado de um processo que envolve mais de uma pessoa, a interação. Em cada interação o sentido é único. Em contrapartida a significação⁶ é múltipla, de acordo com Bakhtin (1992, p. 130), “a multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra.” A relação entre tema e significação é dependente, um não existe sem a existência do outro, um se materializa no outro.

Assim sendo, em Bakhtin, ao interagirem socialmente os sujeitos constroem os sentidos fazendo uso da linguagem.

Outro teórico que aborda a interação em uma perspectiva mais ampla é Bronckart (2006). O autor contribui para a Linguística postulando um modelo de interação denominado de interacionismo sociodiscursivo. Tal modelo consiste em um desdobramento do interacionismo social proposto por Vygotsky, que, assim como Bakhtin, apresenta-se como uma figura importante no quadro teórico de Bronckart.

A influência de Bakhtin no trabalho de Bronckart diz respeito à ideia do social defendida por aquele em seus postulados. Do ponto de vista da psicologia de Bronckart é interessante entender o individual em meio ao social, ou seja, entender a ação significativa do indivíduo dentro da atividade social que é a linguagem. Na obra de Bronckart individual e social não se opõem, apenas agem sobre tensão, a própria singularidade é fruto do social, do mesmo modo que o social é modificado pelo individual. Em outras palavras, o sujeito se constitui e se reconhece enquanto tal na relação social que mantém com o outro. Para exemplificar esse ponto de vista, podemos dizer que é na troca com o aluno que o professor se constitui como mestre, ou seja, é no social que ele forma o seu individual.

⁵ Segundo Bakhtin (1992, p. 129), “o tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução”.

⁶ “A significação é um aparato técnico para a realização do tema” (*idem*).

Nesse processo de formação do individual, de desenvolvimento humano, a linguagem ocupa um papel central, daí Bronckart buscar entender o funcionamento da linguagem, para então entender o desenvolvimento humano.

A influência vygotskyana em Bronckart vem do trabalho que aquele desenvolveu sobre a interação entre os indivíduos. Para Vygotsky, todo processo de aprendizagem está ligado à interação do indivíduo com o ambiente externo, ou seja, com o social. O autor também postulava que a inteligência humana se constitui através de ferramentas culturais, tal como a linguagem. Esses pressupostos serviram de base para que Bronckart explicasse a noção do pensamento individual.

Para Vygotsky e Bronckart, a habilidade intelectual humana constituía-se socialmente, na interação. Essa visão era diferente do construtivismo piagetiano, para quem a inteligência humana constituía-se individualmente, por meio de um processo biológico, isolado da interação social entre pessoas, ou seja, para Piaget a consciência é algo primário, enquanto que a interação é algo secundário. Nas palavras de Bronckart (2006, p. 39), “Piaget rejeitou firmemente a hipótese do papel fundador do social: para ele, a linguagem e as interações sociais são sempre apenas auxiliares, certamente necessárias, mas secundárias”.

Contrariamente a essa ideia, para Vygotsky, bem como para Bronckart, a consciência nasce da relação com o outro, isto é, da interação, não se constituindo como um amadurecimento biológico, mas sim pela experiência com o outro, portanto a interação é primária no desenvolvimento humano. Os teóricos defendem o ponto de vista que a ação preexiste à consciência e não o contrário, como sugere o idealismo objetivo de Piaget. Bronckart diz que

Piaget nega à linguagem e às interações verbais um papel decisivo na evolução do funcionamento mental e que as considera apenas um produto secundário do desenvolvimento geral das coordenações de ação, ele só poderia atribuir a emergência do psiquismo a essas coordenações, permanecendo, portanto, de fato, na posição do idealismo objetivo, da qual Vygotsky tentava escapar. (2006, p. 43).

Assim como Bakhtin, Bronckart vê a linguagem como pertencente à ordem social, sendo a partir dela que homem se constitui enquanto ser consciente, formando o seu

individual. Robert Vion⁷ também concorda com esse postulado, para ele “o sujeito só pode se constituir individualmente na socialização” (VION, 2000, p. 93).

Segundo Vion, a interação é determinada pela existência de sujeitos socializados e de um social estruturado. “A interação é, portanto, o lugar onde se constroem e se reconstroem indefinidamente os sujeitos e o social” (VION, 2000, p. 93)⁸. Vion postula uma visão heterogênea do espaço interativo, nesse espaço ocorrem negociações permanentes entre os interactantes e mudanças de turnos, esses fenômenos passam a ser considerados no quadro teórico do autor. É também nesse espaço que a história interacional de um indivíduo é constituída na totalidade das interações das quais ele participou ou fez parte. Assim sendo é possível dizer que o sujeito se constrói comunicando e comunica socializando, em outras palavras, interagindo.

A interação manifesta várias funções, ela conduz os sujeitos a produzirem sentido, estabelecerem relações sociais e construírem imagens por meio da socialização conjunta com outros sujeitos, fazendo uso da linguagem, que nessa abordagem não é um mero suporte, ou uma simples ferramenta transparente que permite a ação ou a expressão.

Para Vion, a linguagem está sempre presente na interação, ainda que de forma discursiva interiorizada. Ele explica a presença da linguagem em situações discursivas em que ela não é expressa verbalmente, de modo que o outro possa ouvi-la, por meio do exemplo do marinheiro. Esse, habituado a fazer nó, sempre realiza tal ação acompanhada de sua verbalização em forma de discurso interiorizado. Vion afirma que “a ausência de manifestação verbal em certas ações não elimina a presença inevitável da linguagem” (VION, 2000, p. 98)⁹ e conclui o apanhado que faz sobre o assunto dizendo que “toda atividade social, de qualquer natureza que seja, coloca inevitavelmente em jogo, às vezes de modo muito indireto, a ordem da linguagem” (VION, 2000, p. 99)¹⁰.

No quadro teórico que Vion postula, a presença da linguagem é condição para a interação, porém a presença física dos interlocutores não. Nesse sentido Vion concorda com Goffman (1988), ambos defendem a existência da interação sem a presença física dos

⁷ Todas as passagens extraídas do texto de Robert Vion foram traduzidas por nós para fins desse ensaio. No original encontramos a passagem em francês “le sujet ne peut se constituer individuellement qu’en se socialisant” (VION, 2000, p. 93).

⁸ “L’interaction est donc le lieu où se construisent et se reconstruisent indéfiniment les sujets et le social” (*idem*).

⁹ “L’absence de manifestation verbale dans certaines actions n’élimine pas la présence inévitable du langage” (*idem*, p. 98).

interlocutores, dizendo que apenas em uma abordagem mais estreita da interação é indispensável que os sujeitos estejam face a face.

Vion afirma que “nem toda produção comunicativa resulta de uma situação face a face” (VION, 2000, p. 101)¹¹, que implique na presença física dos atores. Para ele a interação é uma atividade conjunta, porém isso não implica necessariamente a co-presença do outro, se assim não fosse, não existiria interação em gêneros discursivos como, por exemplo, livro didático, jornal impresso e cartazes. Assim sendo, em Vion é possível afirmar que toda produção comunicativa, de qualquer natureza que seja, se apresenta como manifestação de uma ordem interativa.

Em seus estudos sobre a interação e a comunicação, Vion abordou alguns componentes mais internos, como a noção de situação, trazida pela sociolinguística. O estudioso viu nos postulados de Goffman uma nova maneira de tratar o assunto. Assim, para eles a situação é construída na ação conjunta dos indivíduos durante a interação, desse modo, ela não pode ser entendida como um lugar físico e cronológico, que considera um espaço e um tempo simbólico em que a situação se realiza, ou seja, Vion critica a noção de situação como um dado informativo posto, haja vista que a situação é co-construída pelos interlocutores durante a interação.

Em Vion percebemos a passagem de uma macro para uma micro análise da interação. Ele fala da interação abordando o papel que o sujeito exerce nessa atividade e coloca, nesse cenário de estudo, componentes mais pontuais sobre o assunto, tais como as noções do quadro e do espaço interativo.

Por quadro interativo entendemos “a natureza da relação social estabelecida pela e na situação de interação” (VION, 2000, p. 110)¹². O quadro pode modificar no curso da interação entre duas ou mais pessoas, isto é, as mesmas pessoas podem realizar pelo menos duas interações diferentes sucessivamente, desde que ocorra a mudança no quadro interativo. Tal é o caso, exemplificado por Vion, do médico e seu paciente que, por sua vez, também é seu amigo íntimo, ao saírem do consultório, onde estavam em um quadro de consulta, podem ir ao bar e lá construir um novo quadro interativo. Vale ressaltar, contudo, que apesar dos atores

¹⁰ “[...] toute activité sociale de quelque nature que ce soit, met inévitablement en jeu, même si c’est parfois de manière très indirecte, l’ordre du langage” (*idem*, p. 99).

¹¹ “[...] toute production communicative ne résulte pas d’une situation de face-à-face” (*idem*, p. 101).

¹² “[...] il nous suffit de définir le cadre interactif comme la nature du rapport social établi d’entrée, par et dans la situation, [...]” (*idem*, p. 110).

serem fisicamente as mesmas pessoas, nos diferentes quadros interativos de que participaram, exerceram papéis e constituíram imagens identitárias diferentes.

O espaço interativo, segundo Vion, “se constrói a todo o momento nas e pelas atividades discursivas, escolhas lexicais, atitudes, maneiras de se implicar ou de se interpelar” (VION, 2000, p. 112)¹³. Entendemos a partir daí que o sujeito pode falar simultaneamente de vários lugares, ou seja, com um mesmo interlocutor o sujeito pode ocupar papéis diferentes, levando também o outro a ocupar outros papéis. Assim sendo, uma interação é caracterizada pela co-existência de várias relações de lugares onde os sujeitos se constroem e se reconstroem constantemente formando uma teia social discursiva.

A nosso ver as noções de quadro e espaço interativo são complementares, servindo para analisar o papel dos sujeitos durante a interação.

Vion estava preocupado com os papéis que cada sujeito assume individualmente na interação. Nessa mesma linha de estudo encontramos os trabalhos de Goffman (1998), o autor se posiciona em uma abordagem mais pontual sobre o fenômeno da interação verbal, em que a preocupação está em investigar a ação do sujeito, por isso focaliza o sujeito individualmente.

Em Vion e em Goffman vamos ver a ênfase nas questões mais pontuais sobre o estudo da interação. As funções que se manifestam a partir da interação, como a construção das relações sociais entre os sujeitos e das imagens sobre si mesmo, são mais focalizadas nessa abordagem. São funções que não se encontram no primeiro plano, o da construção do sentido, mas estão atuando no plano de metagemagem. Interessa a Goffman saber onde a interação está situada, o que está acontecendo durante a interação, o que estamos fazendo quando estamos interagindo, etc. Em sua abordagem não cabe mais a visão unilateral da linguagem tão propagada em Jakobson (1969), para quem o modelo de comunicação é essencialmente linear, ou seja, para quem a transmissão da mensagem se dá de um emissor a um receptor, “sem ocupar-se da reciprocidade ou da circularidade característica da comunicação humana” (BARROS, 2002, p. 42), sem dar a possibilidade de o receptor tornar-se emissor e de “realimentar” a comunicação, dirigindo-se a um destinatário.

Os estudos de Goffman e de demais teóricos como B. Bateson e E. Hall, nos Estados Unidos, propuseram um modelo “circular” para a comunicação, em reação aos modelos lineares. Nesse modelo a comunicação deve ser pensada como um sistema interacional, no

¹³ “L’espace interactif se construit à tout moment dans et par les activités discursives, les choix lexicaux, les attitudes, les manières de s’impliquer ou d’interpeller” (*idem*, p. 112).

qual “importam não apenas os efeitos da comunicação sobre o receptor, como também os efeitos que a reação do receptor produz sobre o emissor” (BARROS, 2002, p. 42). Goffman desconstrói as noções de falante e ouvinte, voltando-se para a complexidade das relações discursivas presentes na estrutura da produção e na estrutura de participação, relativas, respectivamente, ao falante e ao ouvinte.

Uma das principais contribuições de Goffman para os estudos interacionais consiste na noção de enquadre, que na versão original o autor chama de *footing*. Entende-se por enquadre “o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do ‘eu’ de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção” (1998, p. 70). É nesse quadro teórico que Goffman explica a ação do sujeito durante a interação.

Goffman diz que mudamos de enquadre em uma interação com a mesma habilidade que um falante competente tem de ir e vir na língua (GOFFMAN, 1981, p. 156, *apud* TANNEN E WALLAT, 1998, p. 121). Para ele, a Linguística fornece pistas e marcadores através dos quais os enquadres se manifestam, nos ajudando a encontrar o caminho na direção de uma base estrutural para analisar a fala em interação.

Assim como Goffman, Gumperz se situa numa abordagem micro da interação. Ele coloca no centro de sua análise justamente os traços linguísticos contextuais que até então eram excluídos do sistema linguístico, ou seja, ele analisa as pistas de natureza sociolinguística que utilizamos para sinalizar as nossas intenções comunicativas ou para inferir as intenções conversacionais do interlocutor, a que chamou de pistas de convenções de contextualizações.

Entende-se por pistas de contextualização

todos os traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressuposições contextuais. Tais pistas podem aparecer sob várias manifestações linguísticas, dependendo do repertório linguístico, historicamente determinado, de cada participante. Os processos relacionados às mudanças de código, dialeto e estilo, alguns dos fenômenos prosódicos que já discutimos [...], bem como possibilidades de escolha entre opções lexicais e sintáticas, expressões formulaicas, abertura e fechamentos conversacionais e estratégias de sequenciamento podem todos ter funções semelhantes de contextualização (GUMPERZ, 1998, p. 100).

As pistas podem ser de ordem linguística, paralinguística e/ou prosódica, também ocorrem pistas não vocais, elas permitem compreender o que cada um faz na interação, qual sua intenção ao falar, qual interpretação teve da fala do outro, etc, enfim, permitem compreender questões de ordem individual do processo interativo, contudo sem negar a

ordem social, que é a construção coletiva dos significados, defendida por Bakhtin. As pistas de contextualização devem ser estudadas em relação ao processo e ao contexto de interação, pois seu valor sinalizador está atrelado a eles.

A partir de Goffman e Gumperz o interacionismo estimulou as relações da Linguística com outras áreas do conhecimento como, por exemplo, a Sociologia e a Psicologia, esta última outrora havia sido rejeitada pela própria abordagem externalista da linguagem. Goffman trouxe da Antropologia e da Sociologia o conceito de enquadre. O conceito de esquema veio da psicologia trazido por Tannen e Wallat. Essas autoras realizaram um estudo sobre os aspectos interacionais e cognitivos que subjazem à construção do discurso, também apresentaram seu ponto de vista sobre o conceito de esquema, retomando o conceito de enquadre para propor uma diferenciação entre eles.

O conceito de enquadre adotado pelas autoras foi o mesmo apresentado por Goffman, ou seja, refere-se ao sentido que os participantes constroem acerca do que está sendo feito e reflete a noção de alinhamento que os participantes estabelecem para si e para os outros em uma dada situação comunicativa. Já o conceito de esquema refere-se a padrões de expectativas e hipóteses sobre o mundo, seus hábitos e objetos, padrões que são construídos pelos sujeitos a partir da sua história interacional, essas representações permitem o sujeito tomar um dado alinhamento na interação. Enquadre e esquema, segundo as autoras, não são a mesma coisa, mas estão implicados no reconhecimento de um enunciado em uma interação específica.

Percorremos os estudos sobre a interação partindo de uma abordagem mais geral para uma abordagem mais pontual. Em cada quadro deu-se importância a um aspecto do processo interacional. Vimos autores que trataram a interação como um aspecto constitutivo da linguagem, construída em uma atividade social entre dois ou mais sujeitos, ou seja, preocuparam-se em estudar a interação como centro do funcionamento da linguagem. Já outros teóricos a trataram de forma mais específica, observando os fenômenos que ocorrem durante a interação, a partir da ação individual do sujeito. São duas perspectivas diferentes, mas que não se anulam, muito pelo contrário, são complementares, pois ao considerarem a linguagem em uso, desprezando o sistema linguístico por si só, fornecem conceitos gerais e locais sobre a interação que dão suporte para entender melhor os estudos realizados por cada abordagem especificamente.

Uma coisa é comum nessas abordagens, a interação não se resume à transmissão de informações. Ela é vista como um fenômeno de mão dupla em que os interactantes agem,

cada um no seu turno, para construir o sentido. Portanto, a visão externalista da Linguística, seja de modo mais geral, seja de modo mais local, não entende mais a comunicação na mesma perspectiva que Jakobson a entendeu. A contribuição desse estudioso foi importante para a construção de teorias sobre a linguagem que se tem hoje, haja vista que ele trouxe para o quadro a noção de sujeito que o estruturalismo não reconhecia, porém, o valor da sua teoria não contempla a interação que estudamos hoje, pois para ele a interação é uma via de mão única.

A interação que fundamenta os atuais estudos é mais do que a transmissão de informações, é uma atividade que exige uma negociação permanente entre os sujeitos que estão agindo em conjunto. Ela é não apenas o produto das nossas ações, mas também o processo por meio do qual aprendemos a interagir, para criarmos nossas representações sobre o mundo.

Na seção seguinte, apresentaremos nosso projeto de pesquisa, fundamentando-o teoricamente em uma abordagem Sociolinguística.

Com os pés na Sociolinguística

“A Sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística” (CEZARIO; VOTRE, 2010, p. 141). Essa corrente parte do pressuposto de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e, portanto, devem ser levadas em consideração na análise linguística.

Um dos maiores objetivos dessa área é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística e qual a importância desses fatores na configuração do quadro variacional. Nesse sentido, a variação não é vista como um efeito do acaso, mas sim como um fenômeno cultural motivado não apenas por fatores linguísticos, mas também por fatores extralinguísticos variados.

Em sua metodologia de análise a Sociolinguística considera a língua em situação real de comunicação, ou seja, em contexto social de uso. Essa disciplina prioriza, assim, os fatores sociais, culturais e psíquicos que interagem na linguagem.

De acordo com Cesário e Votre (2010), um dos maiores nomes dessa corrente é o de William Labov, que em 1960 firmou-se, nos Estados Unidos, como a liderança da “sociolinguística variacional”. Outros nomes também merecem destaque, são os de Gumperz

e de Dell Hymes. Em seus estudos Labov procurou mostrar que é impossível compreender a mudança linguística alheia à vida social da comunidade em que ela se produz, haja vista que na língua são exercidas constantes pressões de ordem social, por isso o objeto de estudo da Sociolinguística é o uso “da língua falada em situações naturais, espontâneas, em que supostamente o falante se preocupa mais com *o que* dizer do que com *o como* dizer” (CESÁRIO; VOTRE, 2010, p. 149).

Os postulados sociolinguísticos podem oferecer pressuposto teórico para pesquisas sobre livro didático indígena. Em nosso estudo, intitulado “Análise de livros didáticos para o povo indígena Mëbêngôkre”, em que nos propomos a investigar os LD utilizados no processo de alfabetização indígena, especificamente em língua mëbêngôkre¹⁴, do tronco linguístico Macro-Jê, a Sociolinguística é a base teórica. Preocupados com o destino que estão tendo as línguas indígenas na Amazônia e no Brasil, pensamos que investir na alfabetização dos falantes indígenas em sua língua materna é uma estratégia significativa para o resgate e a manutenção das mesmas entre os falantes, sobretudo entre os falantes mais jovens.

Contudo, sabemos que não basta apenas alfabetizar o indígena de qualquer forma para conseguir alcançar o objetivo acima mencionado. Para darmos sustentabilidade às línguas indígenas faz-se necessário promover uma educação escolar indígena de qualidade que leve em consideração a língua em situação de uso, tal como nos propõe a Sociolinguística. Como os livros didáticos são os principais suportes pedagógicos, se não os únicos, utilizados em sala de aula por professores indígenas, a fim de promover a alfabetização dos alunos indígenas, vimos a necessidade de analisá-los pautado na perspectiva Sociolinguística, para saber se a concepção de linguagem proposta nesses manuais priorizam um ensino-aprendizado que aborde a língua de um ponto de vista social, ou seja, que priorize os fatores sociais, culturais e psíquicos que interagem na linguagem.

A concepção de linguagem que acreditamos ser interessante para promover a abordagem da língua mëbêngôkre, ou de qualquer outra língua indígena, é a concepção funcional. Nela se destaca a questão do uso da linguagem como resultante das condições intra e extralinguísticas de sua produção e recepção. No âmbito da Sociolinguística a concepção funcional é a que mais se enquadra no que se deseja estudar, pois seus pressupostos

¹⁴ O mëbêngôkre é a língua falada pelo povo indígena Mëbêngôkre. Esse povo encontra-se localizado tanto ao norte do estado de Mato Grosso, quanto ao sul do estado Pará, sua língua pertence à família linguística Jê, principal família do tronco Macro-Jê.

consideram os usos linguísticos nos contextos de interação, partindo daí a sistematização para formar os padrões convencionais de expressão.

Na próxima seção, abordaremos sobre o trabalho do pesquisador indígena em uma perspectiva interacionista.

Estudando as línguas indígenas a partir de uma perspectiva interacional

Na seção “Um breve percurso sobre o interacionismo”, procuramos mostrar que a Linguística é uma ciência que nos permite realizar estudos tanto de um ponto de vista internalista, quanto de um ponto de vista externalista da língua. Nos estudos internos os linguistas procuram analisar os fenômenos que ocorrem no sistema da linguístico, descrevendo-o fonética, fonológica, morfológica e sintaticamente. Já nos estudos externos os linguistas contemplam os processos que estão inclusos no uso da linguagem, compreendendo a língua em funcionamento. Ambos estudos realizados pelos linguistas, em suas respectivas abordagens, são indispensáveis para dar conta da riqueza que é a língua.

No que consiste aos estudos sobre línguas indígenas, o trabalho de descrição linguística é fundamental não apenas para se entender o funcionamento da língua, mas também para documentá-la, guardando parte da diversidade linguística que existe no mundo.

Rodrigues (2003) afirma que o conhecimento científico das línguas é adquirido basicamente pela linguística descritiva, essa tem como objetivo documentar, analisar e descrever as línguas, de modo a torná-las objetos comparáveis, tanto para estudos classificatórios como para estudos teóricos.

Com a mesma importância, os trabalhos externalistas da língua podem ser vistos pelos estudiosos das línguas indígenas como uma possibilidade para se observar tais línguas. Reconhecemos que muitos trabalhos descritivos já foram realizados, porém a riqueza linguística indígena não se esgota, possibilitando assim que outras pesquisas, descritivas ou não, sejam desenvolvidas. Como o campo é abrangente, paralelamente os cientistas das línguas indígenas também podem desenvolver pesquisas a partir de uma perspectiva interacionista, o que a nosso ver contribuiria ainda mais para entendermos os fenômenos linguísticos que ocorrem nessas línguas e assim desenvolvermos estratégias de preservação mais eficientes como, por exemplo, a criação de livros didáticos que contemplem uma concepção de língua mais coerente com os objetivos de ensino que desejam alcançar.

Em nosso trabalho de análise de livro didático para o povo Mëbêngôkre, pensamos que seria interessante desenvolver nossa pesquisa a luz do interacionismo linguístico, haja vista que poderíamos estar considerando a língua em situação real de uso, ou seja, em interação, tal como propõem os autores da Sociolinguística, base teórica do nosso estudo, e os estudiosos do interacionismo. Além disso, poderíamos proporcionar um ensino de língua de modo mais significativo por meio dos materiais didáticos coerentes produzidos em língua indígena, em que o uso da língua indígena pelo falante fosse levado em consideração e em que a língua não fosse simplesmente contemplada em trechos “acompanhados de exercícios repetitivos, concebidos em uma visão estruturalista de linguagem, desligados da vida da criança e dos usos da língua na comunidade” (SILVA, 2003, p. 959), tal como acontece na maioria dos materiais didáticos produzidos em língua indígena.

Segundo Bakhtin (1992, p.123), “a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal”, ou seja, é na interação que a língua se constitui como fenômeno social. A interação consiste em uma atividade realizada por mais de uma pessoa, que negociam e trocam de turno, mesmo no caso do monólogo tem-se o resultado de uma interação entre o “eu” e o “outro eu”, como uma resposta a alguma situação vivenciada. Assim, a interação é uma via de mão dupla usada para fins comunicativos.

Vion (2000) menciona a possibilidade de existirem produções comunicativas resultantes de situações que não se deram face a face, isto é, em co-presença física dos sujeitos, porém essas atividades não deixaram de se realizar conjuntamente. A análise de livros didáticos em língua indígena é um exemplo de interação que ocorre sem a presença física dos sujeitos interactantes. O pesquisador, ao examinar o material, interage com o autor do livro, do mesmo modo como esse interage com o professor e os alunos.

O pesquisador interage com o autor do livro didático quando busca compreender as estratégias adotadas pelo autor para construir significados por meio do seu texto. O pesquisador quer perceber que influência a voz do autor exerce na prática do professor e no aprendizado do aluno e se a voz do autor está explícita a ponto do professor e do aluno perceberem-na. O autor, em seu turno, deixa pistas de natureza sociolinguística sinalizando suas intenções comunicativas para o professor e para o aluno. Para esse o autor faz isso por meio dos comandos de exercícios e explicações de conceitos, por exemplo. Para aquele, o autor sinaliza sua intenção por meio das orientações deixadas no Livro do Professor. Esse livro contém sugestões para as práticas pedagógicas do professor, respostas de exercícios para facilitar o trabalho, não exigindo que o professor busque solucionar os problemas, etc. O

pesquisador percebe, então, as sinalizações que o autor deixa para o professor e para o aluno e avalia se elas são respondíveis, ou seja, se o professor e o aluno são capazes de seguir as orientações do autor.

Pesquisador, autor de LD, professor e aluno indígena constroem uma teia discursiva, são várias vozes dialogando em conjunto, mas não em co-presença física. Na visão bakhtiniana, o dialogismo pressupõe a contra palavra, isto é, uma resposta, ainda que essa resposta venha por meio de um suporte escrito como o livro didático. Se assim é, na relação pesquisador versus autor, autor versus professor e aluno existe interação, porque nessa perspectiva a interação se estende a todas as manifestações verbais, sem restrição.

Considerações finais

Acreditamos que os estudos interacionistas da língua, com todos seus pressupostos teóricos, juntamente com as bases sociolinguístas, realmente nos dariam suporte para realizar o trabalho de análise de materiais didáticos escritos em língua indígena com grande eficácia, nos proporcionando chegar a resultados interessantes e surpreendentes sobre o fenômeno linguístico.

BASES INTERACTIONNISTE POUR L'ANALYSE DE MANUEL SCOLAIRE INDIGENE

Résumé: *Dans cet article, basé sur les idées de Bakhtine (1988, 2003), Bronckart (1996), Goffman (1961), Gumperz (1982), Vion (1992) et d'autres théoriciens qui abordent sur l'interactionnisme, et basée sur des études sociolinguistiques préconisées par Labo, nous réfléchissons sur l'interactionnisme présent dans le travail du chercheur quand il effectue l'analyse de son sujet d'étude, les manuels scolaires (ci-après LD) destinés à l'éducation indigène. Nous sommes conscients que le chercheur, lorsqu'il conduit des études sur ce support didactique, ainsi que l'auteur de l'ouvrage, le professeur et les élèves indigènes qui l'utilisent, est également présenté comme un sujet d'interaction dans ce tableau interactif vécu par les producteurs et les récepteurs de la connaissance scientifique. Notre analyse met en évidence les postulats de Robert Vion, pour qui l'interaction n'intervient pas uniquement dans la co-présence physique des participants.*

Mots-clés: *Interaction. Manuels scolaires indigènes. Sociolinguistique.*

Referências

BAKTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed., São Paulo: HUCITE, 1992.

_____. **Estética da criação verbal**. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, D. P. A comunicação humana. IN: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística: objetos teóricos**. 5. ed., São Paulo: Contexto, 2002, p. 25-53.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

CEZARIO, M.M. & VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. 1. ed., São Paulo: Contexto, 2010, p. 141-155.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, M. P. (Org.). **Sociolinguística Interacional**. Porto Alegre: AGE Editora, 1998, p. 70-97.

GUMPERZ, J. Convenções de Contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, M. P. (Org.). **Sociolinguística Interacional**. Porto Alegre: AGE Editora, 1998, p. 98- 119.

MAINGUENEAU, D. Discurso, enunciado, texto. In: MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 2. ed., São Paulo: Cortez, 2002.

MORATO, E. M. O interacionismo no campo linguístico. IN: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. 2. ed., Vol. 3, São Paulo, Cortez, 2005, p. 311-351.

RODRIGUES, A. D. Aspectos da história das línguas indígenas da Amazônia. In: SIMÕES, M. do S. (Org.). **Sob o signo do Xingu**. 1. ed., Belém, PA: UFPA, IFNOPAP, 2003, v. 1, p. 37– 51.

REVISTA MEMENTO

V. 3, n. 1, jan.-jul. 2012

Revista do Mestrado em Letras *Linguagem, Discurso e Cultura* - UNINCOR
ISSN 1807-9717

SILVA, M. S. P. Situação de ensino de línguas indígenas no contexto escolar. In: ENCONTRO DO CELSUL, 5., 2003, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2003, p. 958-961.

TANNEN, D. E WALLAT, C. Equadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: Exemplos de um exame/ consulta médica. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, M. P. (Org.). **Sociolinguística Interacional**. Porto Alegre: AGE Editora, 1998, p. 120-141.

VION, R. **La communication verbale: analyse des interactions**. Paris: Hachette, 2000.